

Sonho Interrompido...

E ele foi-se...Isto é um conto ou narração, coisa parecida, história ou ficção.

Por estranho que pareça até o fogo pega no Bombeiro... Vou-vos contar esta história, que bem se podia ter passado na realidade, mas que por sinal é mera ficção, e que vos vai ajudar a passar este serão.

Bati à porta. Uma voz do interior deu permissão para que abrisse e avançasse.

Silêncio sepulcral se fazia sentir naquela sala de reuniões dos *Pompiers Volontaires de La Village du Nor, em Bordeaux*, ali nos arrabaldes da grande cidade Francesa.

Um olhar de relance, perante um colectivo presidido pelo seu Presidente, 3 directores e o Comandante daquela tão prestimosa Corporação de Bombeiros Francesa; que mais não parecia, uma de entre tantas Corporações de Bombeiros à moda Portuguesa.

Senti logo no momento que ultrapassei a ombreira da porta da sala de reuniões, que estava fora do meu ambiente; e, um terceiro sentido me avisava, que algo não devia estar a correr bem para o meu lado.

Mas enfim, já estava habituado a lidar com cenários mais gravosos do que aquele que se avizinhava, e pensando positivamente, sentei-me no único lugar vago entre o Comandante e o Presidente da Direcção.

Defronte a mim, um parente meu natural de Nantes, por afinidade do 2º acasamento de meu pai, com a minha madrasta, cabisbaixo, encenava a execução de trabalho muito árduo, de índole contabilístico; pelo que, para ali ficaria de tal modo absorvido.

Mas o assunto que ali me trazia, não deveria interferir com a sua difícil tarefa de controlador.

Aqui termina a traição...

Depois de um cumprimento em Geral e ao senhor Presidente em particular, uma vez que havia regressado de férias, e já que ninguém abria o bico, acabei por dizer ao que vinha, pois já havia manifestado ao meu Comandante, o desejo de abandonar a Corporação de Bombeiros, da qual já me encontrava demitido a meu pedido, acto que a Ex.ma Direcção Oficialmente nada sabia.

Tinham-me dito que não sabiam de nada. Mas eu já lhes havia comunicado, vai para dois meses desta minha decisão... Estranho...

Fraca memória; ou, quanto muito, era preciso conservar a “cabala”.

Penso que aquém Pirinéus, esta situação é vulgaríssima. Ninguém sabe de nada, mas toda a gente sabe tudo. “C’es lá vie”.

Eu, pela parte que me toca, não fiz nenhum segredo desta atitude...

Claro estava tudo em boa harmonia; pensei que não, pois havia – no corredor da intriga - indicações que a minha saída não seria pacífica, e que o senhor 1º Comandante, seria confrontado com algumas situações menos agradáveis.

Seria o caso da ambulância Citroen nova, que indicou que fosse adquirida e fornecida, fora do País e segundo parece, dissimuladamente sinistrada, algumas imprecisões no preenchimento de papeladas para ir buscar uns dinheiritos a mais aos cofres do estado, entre outros pequenos delitos, para facilitar a sobrevivência da Corporação...

Adiante. Ainda se esperava um milagre, face à indisciplina que grassava naquele Quartel, mas os “Santos estavam de greve”, e para mais esta situação já era do conhecimento do *Comando Nacional em Paris*. Uma bronca das boas...

Enfim, uma “catástrofe” com reflexos bem gravosos na vida da Corporação, que ameaçava a reputação do senhor 1º Comandante, *garante da existência daquele Centro de Francês de Bombeiros Voluntários*, já na mira de uma possível nacionalização, por parte do senhor *Ministro do Interior Francês*.

Era uma grande *chatice*, pois a Comunicação Social local tinha vindo a terreiro fazer uma tempestade num copo de água, dando a notícia da existência de um certo mal-estar na Hierarquia da Corporação Francesa.

Uma verdade deste impacto fora posta a circular fora do tempo, e à revelia do visado. Eu, o Bombeiro de “*tenra idade*”, a quem tinham pegado o fogo...

Na presente circunstância, *Eu, o 2º Comandante, monsieur Pierre d’Levant*.

Um as palavras bonitas, chavões diplomáticos, em que os Franceses são pródigos, “tu és o melhor do mundo, estás cheio de razão, fazes bem ir-te embora, não tens estofo nem perfil para isto, és um gajo porreiro”.

Olha lá! Fizeste um trabalho do caraças; mas, não te conseguiste integrar no sistema, estás lixado, tens um feitio muito... muito..., a malta não te perdoa, vai pregar para outra freguesia...

Olha, que não é por nós, mas sim porque o sistema te rejeita. Isto é fruto das novas tecnologias (TI's), que tu próprio aqui introduziste...

Vai em paz... A porta está sempre aberta... Vai pela beirinha... Isto fica tudo "porreiro pá".

Ok. Digo eu. Tudo bem. Muito obrigado. *Vocês são uns tipos porreiros; os Bombeiros Franceses, são os mais lixados do Mundo, mas não há nada como os Portugueses.*

Sim, os "*Portugas*", esses é que são bons. *Os Franceses são mesmo lixados. Não perdoam. Passem bem, muito obrigado. E com esta me vou...*

Paciência. Fico por perto. Gosto muito dos "*Pompiers Volontaires de Bordeaux. Vive la France*"

Saio dali, *vou dar uma volta ao bilhar grande, passo em análise retrospectiva todo aquele filme, "Enfin Vive la France".*

Pierre d'Levant, conforta-se com a decisão que havia tomado, afinal era só uma despedida, e vai de passar a limpo uma vivência no seio daquela Corporação para cá dos Alpes, ou para lá!

Já não sei, nunca fui bom em orientação. Mas, para o caso também não interessa...

O fogo havia pegado bem ao Bombeiro...

Mas nos Bombeiros, tal qual no mar e nas marés, há mais fogos que bombeiros...

A verdade chega sempre; pode chegar tarde, mas chega...

Pierre d'Levant, ruma à sua territa por opção, próximo de Toulouse, vai dedicar-se de alma e coração à *apanha da maçã*; vai meditar no que de bom e mau aprendeu na sua passagem pelos *Pompiers de Bordeaux*.

Relembrar alguns amigos e conhecidos do seu dia-a-dia de trabalho, ouvir as notícias da rádio e ver na televisão os seus ex-companheiros, *atacar bem de frente o fogo no ecran*, essa gênese da existência de todas as Corporações de Bombeiros de França e do Mundo.

No café falarei mim, dos outros, daqueles e daquelas situações mais aflitivas.

Falarei bem, direi mal, sei lá, conforme o interlocutor e o rumo da conversa.

Nós, os Franceses ou deles descendentes, temos destas coisas. “C’*es là vie*”. Falamos muito e pelos cotovelos e produzimos muito pouco.

Os dias e as noites foram-se passando, do lado de cá e do lado de lá, cada um dormiu como pode, arrumaram-se os machados, depois de contados e recontados.

Pierre não te esqueceu do compromisso que assumiu para com o seu Comandante; não senhor, *Pierre d’Levant* é um homem de palavra, o Comandante também, e em nome dos “*Pompiers Voluntaire de Bordeaux*”, mais propriamente de “*De la Village du Nor*”, há que manter esse *compromisso até que a morte nos separe*.

Pierre d’Levant, com a sua demissão acabou por fazer um favor ao Corpo dos “*Pompiers de La Ville du Nor*”, a Direcção e o Comando da Corporação viram-se livre de *d’Levant*, das suas ideias de que vai endireitar o mundo, e sobre tudo de os livrar do espectro deste vir a de dizer aquilo que toda a gente já sabe, mas não quer que se conste muito...

Pierre acabou por se convencer, que o Comandante não vai requerer os seus ofícios, e que este o quer é ver bem longe, para não lhe ofuscar a vaidade e a sua imagem.

A rapaziada que por lá ficou, em França, no Quartel dos Pompiers, é auto-suficiente para fazer andar aquela casa; sem que sejam precisos *Pierres*, ou “*rafeiros*” da sua raça.

Sabemos também que o Comandante apesar de ser alérgico à utilização das novas tecnologias; sempre vai ter que *escrever à unha*, umas quantas Ordens de Serviço, e colocar aquela *rebelde* rapaziada no seu devido lugar. Ou seja, **beatificar** os Pompiers de la “*Village du Nor*”...

Não há imprensa, Rádio ou “*Jornaleco de vão de escada*”, que possa afrontar tão astuto “escuteiro”, que tem quase tanto tempo dos “*Pompiers de La Vile du Nor*”, como de existência da Corporação.

Deixemo-nos de cantigas, vamos abrir umas garrafas de vinho Francês, genuíno e comemorar a partida do 2º Comandante Pierre d’Levant.

A Corporação vai rugir forte, **a sirene principal não toca**, porque alguns os Pompiers estão na praia a tomar banhos de sol; e, a população, pode pensar que se trata de algum sinistro grave. Nunca fiar...

Os “*detractores*” – “*les Pompiers de Ville du Nor*” - *saboreiam uma atrás de outra taça de Champanhe; “gamada” no gabinete do Comando, e à revelia da Direcção. Vai ser bonito quando elas forem contadas?!...*

Batem palmas. Hurra, *Pierre d’Levant* foi-se, filho duma “*cabra*”, já deveria ter ido há mais tempo, a bordo de uma *fragata* que passe em Calais.

Calais, foi importante no final da guerra. Para vocês “*Portugas*”, só a título de exemplo, é mais ao menos, como a vossa praia da Torreira na Costa Atlântica.

“Je pense que Torreirá c’es la place du jurisdiction de Pompiers de la Murtosa.?Je ne c’es pás. C’es possible?”

Com Calais ou sem Calais, o 2º Comandante *Pierre d’Levant* foi-se...

Na parada respira-se melhor ar.

O fogo havia pegado mesmo...

A tranquilidade dos dias da escravatura regressa!...

As origens

António Levante emigrara para França “*de salto*”, por volta dos anos 60, e tinha deixado mulher Clotilde, sua amantíssima esposa, e dois filhos em Portugal Rosa Maria e Pedro seus filhos legítimos e ainda a recém nascida Graciete, filha de “Oginon” e de sua amantíssima esposa Clotilde.

O marido nunca chegou a saber quem era “Oginon”; a mulher também não soube explicar bem, os da farmácia é que sabiam muito daquelas coisas, e o assunto morria dentro da família, para que não passassem pela vergonha de haver um bastardo, naquele matrimónio.

Bico calado, ninguém mais fala sobre este assunto. António Levante está de partida para França, se calhar nunca mais volta a Portugal.

Possivelmente arranja por aí uma *Franciú*, loiraça e com um grande traseiro...

Vai arrecadar uns francos, vai enviá-los para a mulher e os filhos, e que se *lixé tudo*.

Como quase todos os Portugueses, iniciou-se na Construção Civil, viveu nos primeiros três anos nos arredores de França em – *Bidon Ville* – como quase todos os “*tugas*” que para lá tinham ido “*de salto*”.

Vai que não vai, travou conhecimento com uma quarentona, sopeira do prédio vizinho, e a páginas tantas, *toma que aí vai disto...*

Trapos juntos, passa a jardineiro em casa dos patrões da Catherine, e há que continuar a enviar uns francos para a família, para que esta nada saiba.

Quis o destino que um dia encontrou um companheiro de escola, que também emigrara ilegalmente para França, vai que não vai, o companheiro dá com a língua nos dentes, a tenda está armada.

António Levante passa um mau bocado com a mulher. Carta para cima carta para baixo, ameaças de ambos os lados, mais “*guita*” para cá para sustento dos filhos; e, nada de falar na miúda, filha do tal “Oginon” e da Clotilde.

Os anos passaram-se, até que o Pedro Levante, já com 18 anos, resolve, com a permissão do Pai e às custas de este, ir fazer-lhe uma visita a “*Paris de França*”.

Eis que chegado a “*Paris de França*”, Pedro adapta-se imediatamente ao clima, e ao regime de trabalho temporário.

Prossegue os seus estudos, pois pretende ingressar na Universidade.

As suas primeiras férias aparecem, Pedro; aliás, neste momento do *Campeonato*, já lhe chamam *Pierre*, pelo que daí a passar a ser conhecido, por ***Pierre d’Levante***, *foi um ar que se lhe deu*.

Pierre passou a fazer serviço cívico nos *Pompiers* da sua área de residência; e logo na primeira intervenção, praticou um acto heróico, digno de um português em terras de França.

A sua apetência pela apaixonante carreira de Voluntário foi sempre grande e conhecida de todos lá na sua terra; pelas horas infindáveis, que passava a observar os Bombeiros nos seus exercícios.

Ali, em França, essa tendência não se havia desvanecido; muito antes pelo contrário, tinha sido aguçada pelo desempenho do serviço cívico.

Mas *Pierre d’Levant* queria ir mais longe. Uma vez saído de uma terriola, *quase inexpressiva no mapa*, e após tantos sacrifícios dos pais; a sua vontade de vencer era muita.

Ele sabia que era possível chegar longe. Mas como? Como ia passar sem os *Pompiers*, tudo era importante para si na vida; mas os *Pompiers* eram a sua paixão.

Como vos disse, a sua força de vencer na vida, suplantou o bichinho dos *Bombeiros*, e desta feita vai rumar, até à Universidade em Bordéus.

Ali se haveria de formar, como Engenheiro; pois se assim já o designavam sem o ser, e quando o fosse, deveria ser muito melhor. E era.

O filho da Clotilde nem sabia o que esperava. Catherine, orgulhosa do filho do Marido, não se cansava de o incentivar, e lhe dar uma mesada extra por baixo da mesa.

Caterine estava ofegante, o seu cabelo longo e loiro, flutuava ao sabor da ligeira brisa que se fazia sentir na cerimónia de Graduação do filho da Clotilde – *Pierre d'Levant* - ao mesmo tempo que, estes lhe acariciavam os seios, nesta manhã fria de Verão.

Era o dia mais importante da sua vida, do actual Marido e de seu filho Pierre d'Levant.

Caterine nascida em França, filha de pais polacos, depressa se deu conta que os seus atributos femininos; em especial os da retaguarda, que muito haviam que dar que falar, e chorar.

Não havia concluído a escolaridade obrigatória, pelo facto de ter tido realizado 2 abortos, ou mais, todos eles coincidentes com a época dos exames, e sempre encobertos pela família da casa em que seus pais eram caseiros.

Esta Polaca como quase todas era um espanto de mulher.

Vê-la sair à rua em pleno dia, *com a sua indumentária de sopeira de gente rica*, trajando uma espectacular mini-saia, meias de vidro pretas e salto alto, era acontecimento cidadão; que não passava, pelo menos sem dar origem a um acidente de viação, naquela rua tão movimentada entre a casa dos seus patrões e o supermercado.

Era de facto um espectáculo; e, continuaria a ser, não fossem as seguidas interrupções voluntárias da gravidez de que foi acometida.

Mas tirando isso, um observador menos atento, nem se quer se apercebia destes pequenos pormenores, e não deixa de coçar a cabeça ao ver passar a Caterine em pleno dia na rua.

Deixando a Caterine e o *seu belo traseiro em paz*, vamo-nos concentrar na Cerimónia de fim de Formatura, na Universidade de *Pierre d'Levant*.

Como dizia *Pierre d'Levant*, para inveja de muito franceses, havia sido o número **um** do seu curso, formando-se com a bonita classificação de 19 valores; e, só não teve 20, porque não era de nascido em França.

Mas os seus colegas reconheciam-lhe o mérito, e para si, isso é que era importante.

Terminada a cerimónia, *Pierre*, O Pai e Caterine, foram almoçar a um restaurante Búlgaro, comeram um osso “Uco” cada um, e, beberam uma garrafa de vinho Português, Casal Garcia.

Beijos e abraços, muitas fotos, e *vai de rota batida*, dar uma passagem pelo *Quartel de Pompieres de la Village*; igualmente, para comemorar junto dos camaradas, de piquete, a conclusão do curso de Engenharia.

O Comandante estava lá, os Adjuntos também, e alguns *Pompieres* trabalhavam ou faziam que trabalhavam.

É preciso é mexer, porque o Comandante como não é de carreira, não sabe distinguir uma coisa da outra. Já com os Adjuntos, a coisa era diferente...Piava mais fino.

A vida no quartel dos *Pompiers* estava num caos. Os fogos apareciam por todos os lados, e não havia mãos a medir.

A sirene tocava sem parar, fazendo com que a torre onde a mesma se encontrava montada, aliviasse os chumbadouros na cobertura da casa escola.

O Quarteleiro informou o Comandante deste facto; que por sua vez, informou o Presidente, que disse, *sim tá bem vamos já tratar disso...* e mais não disse e já lá vão três meses e a sirene quando toca, "*tá-se*" à espera que a torre levante voo...

Pierre de Levante, agora altamente embrenhado na sua actividade profissional; tem que dividir o seu tempo no trabalho, *na aplicação de carícias à Catherine e no apagar de tantos e imprevisíveis fogos...*

Mas, *a sua vida está cada vez mais feia*, pois consta que para além da Catherine, *um amor igualmente proibido graça lá pelo Quartel dos Pompiers*; mas isto é só fumaça, pois não houve nenhum flagrante; e a notícia vindo de quem veio, é caso para pelo menos desconfiar...

Não é que não tenha havido outros casos por aí; mas, o que é certo é que o Comandante, *se não lhes deu uma porrada*; é porque são mais os boatos que as verdades.

Lá nisso, o Comandante "*é bravo para caraças*", pois ele é o exemplo da fidelidade; e, *ai daquele que ponha o pé na argola*, fora ou dentro do Quartel, pois tem os dias contados.

Muito respeitinho...

A sirene toca mais uma vez e não se cala. Não aparece ninguém; *Pierre d'Levant*, tenta saltar da cama para se dirigir ao Quartel; pois o seu coração está inquieto, e não consegue *concentrar-se no que estava a fazer*.

Catherine, completamente nua, de seios espetados e cabelos a cair pelas costas, aperta freneticamente o seu amante, impedindo-o de se levantar; manietando-o e selando à sua boca com um ardente beijo, ao

mesmo tempo que com as duas mãos tapava os ouvidos do seu amado *Pierre*, para que este deixasse de ouvir a sirene...

Este estrebucha, mas o calor de Catherine, e a pressão que exerce com as suas mãos, sobre os seus ouvidos, funcionam, com supressores de som, e acaba por o fazer render aos seus encantos.

Com um ai, um uhm, o silvo da sirene deixou-se de ouvir...

Veio o fim da tarde, e com ela a noite.

É tempo de passar pelo Quartel, perguntar o que houve por lá.

Saber se o “chifrim”, teve resolução imediata; ou se, o Comando Distrital de Bordéus, teve que recorrer a outras corporações fora do distrito.

Ali chegado, o 1º Comandante pergunta-lhe por onde andou, porque não veio ao toque da Sirene. Blá...blá...etc; e por fim disse-lhe que lhe ligou pelo telemóvel e ele nada...

Mas o Comandante, estava mais interessado em sacar algo ao 2º; acerca da sua vida privada, do que propriamente preocupado com a sua falta ao toque da sirene.

O que é certo é que arderam uns bons hectares de mato, e na zona de jurisdição do nosso Comandante, que por ser *alérgico ao cheiro da caruma queimada*, tentou passar a bola para o seu colega vizinho.

Mas o tiro saiu-lhe pela culatra; pois o *Inspector Napoleon Cesári*, apareceu pelo Quartel e passou-lhe “*um bigode do caraças e um atestado de incompetência*”, obrigando-o a rumar à Central de Comunicações, para tomar conta das operações, e dar corda aos sapatos para a frente do fogo...

Foi uma bronca das antigas, *porque o 1º Comandante, Jean Lou Carrier, era Comandante de secretária*; e, estava habituado, a que a sua gente principalmente os Adjuntos, dessem conta do recado, estando ele ali para recolher os louros, se no final tudo corresse bem.

Mas os Adjuntos estavam para uma peregrinação em Lourdes, e deixaram “*o menino nos braços do 1º Comandante*”.

Se corresse mal, a culpa seria dos Adjuntos. Só que desta vez eles não estavam lá. Fim de citação. Isto passou-se em Bordéus; mas podia muito bem, ter acontecido em qualquer parte do Globo.

A viatura de combate a incêndios florestais chega ao quartel. A tripulação vem com os bofes de fora. O Carro de Comando na frente. Não havia água potável nem alimentos para o pessoal.

A Logística tinha falhado por completo, e o sub-chefe “*pintou o caneco*” com o 1º Comandante; quem o tentou acalmar foi o Oficial de Comunicações, acabaram por ir todos jantar ao restaurante Antónius, porque alguém havia de pagar...

Os olhos da rapaziada quase saíram das órbitas, mas depressa recolhiam, pois o sub-chefe tinha umas “*Mules*”, vindas de “Bruxelas” em cima da mesa e uma garrafa de vinho especial, ali da zona, mas acabou por dizer, que não queria comer nada e que ia para casa.

Até porque a sua mulher fazia anos; e esta, tinha comprado “*um espera maridos*” para ser estreado naquela noite.

E quem “*lerpou*” foi a rapaziada, porque tiveram que ir comer na companhia do 1º Comandante; que, normalmente, não se juntava à rapaziada, para marcar a distância...

Alguns nem almoçado tinham.

No Quartel não havia nada para se comer, nem era costume a Direcção abonar uns francos, para situações com esta.

Era de facto uma *miséria*. Mas enfim...Nos Bombeiros da terra de *Pierre*, em Portugal, as coisas ainda eram piores...

As privações eram tantas, que os Bombeiros tinham que comprar garrafões de água para irem para os incêndios; pois caso contrário, passavam sede ou bebiam a água dos Auto-tanques.

A sirene volta a tocar, alguns dos rapazes, voltam a sair; agora com um dos Adjuntos, que corria que nem um louco, que até parecia que tinha fogo em casa...

Algo estava por ali a arder! Mas não era a casa propriamente dita...

Mais tarde veio a saber-se que o “*fogo*” em casa do “Adjunto” foi apagado e bem apagado.

E quem não fica abatido depois de tanta actividade? Movimento de mangueiras de trás para a frente, e da frente para trás, e sempre a controlar a cabeça do “fogo”...

Aqui em França, como no resto do mundo, a maneira de trabalhar dos Bombeiros, salvo alguns pormenores, é quase igual...

Os Bombeiros Franceses, *tão quanto a Catherine me ensinou*, sempre foram um pouco mais vanguardistas, nas artes de apagar o fogo; mas os portugueses, muito depressa aprenderam, igualaram e nalguns casos até foram mais além...

A *Caterine* bem pode ser testemunha, a avaliar pela experiência recente que teve, ao colaborar intensamente na preparação de *Pierre de Levant*, para a vida de sacrificio e de amargura, que normalmente se instala na vida de todos os Bombeiros Voluntários Franceses.

É assim um bocado por todo o Mundo

“*Cés la vie*”.